

PENSAMENTO E COMPLEXIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES

Ana Carolina Andrade Guimarães*

Resumo: Aborda-se o *homo sapiens*, enquanto sujeito pensante e cognoscente, contrapondo-se as ideias de Morin e Lipman às de Battisti e Descartes. Os primeiros propõem a questão da complexidade e abrangência do conhecimento e dos seus tipos, culminando na ideia do pensar bem; Battisti e Descartes desenvolvem sua tese partindo do pressuposto de que existe um método para o alcance do conhecimento pertinente e que o homem consegue colocá-lo em prática.

Palavras-chave: *Homo sapiens*; Pensamento; Complexidade; Cartesianismo.

Resumen: Aborda el *homo sapiens*, mientras sujeto pensante y cognoscente, por contraste entre las ideas de Morin y Lipman y las de Battisti y Descartes. Los primeros proponen la cuestión de la complejidad y amplitud del conocimiento y sus tipos, que culminó con la idea de pensar bien; Battisti y Descartes desarrollan su tesis sobre el presupuesto de que existe un método para alcanzar el conocimiento pertinente y que el hombre puede poner en práctica.

Palabras clave: *Homo sapiens*; Pensamiento; Complejidad; Cartesianismo.

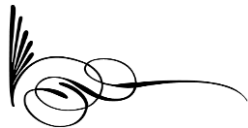
O *homo sapiens* é tido como o único ser capaz de pensar racionalmente e o único que tem consciência de tal capacidade. Somos, portanto, o animal que sabe que sabe. Considerando o homem como um ser dotado de pensamento complexo, é relevante visualizar qual a perspectiva metacognitiva direciona-nos ao alcance da plenitude do potencial de tal capacidade reflexiva. O pensamento é caracterizado pela abrangência e enredamento, logo, o homem deve ser dotado de habilidade para manuseá-lo e convergi-lo a seu favor; Tornando, assim, o conhecimento e o “pensar bem” como meios imprescindíveis para a compreensão do mundo e suas particularidades, revertendo a ideia comum de que o conhecimento é inatingível.

O que se traz à tona é, portanto, o adensamento na complexidade do conhecer, especialmente pelo fato de que não a compreendermos plenamente, em suas dimensões cognitiva e epistemológica. Dessa maneira, contraditoriamente, o ser cognoscente não tem noção da dimensão do seu pensar, seja em virtude da fragilidade da educação, que tem o papel de aperfeiçoar o homem e que é considerada como o principal meio para transformação de realidades adversas, como a violência e a miséria, já que “[...] uma pessoa instruída pode defender melhor os seus direitos e sabe quais são as suas obrigações. [...] São muitos os países que progrediram porque investiram nas suas crianças. [...]” (DIMENSTEIN, 2001. p. 157); seja em razão do próprio espírito humano, esse que comporta todos os processos complexos.

Partindo desses pressupostos, Lipman afirma o pensamento como algo natural do ser humano, e que o seu aperfeiçoamento ocorre através da educação. Morin, por sua vez, considera-o

* Graduanda em Direito (Bacharelado) na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
E-mail: ana_carolina.acag@hotmail.com





como um produto do global, da união entre as contribuições das ciências biológicas, físico-naturais, antropossociais, da informática e cibernética e que é vivenciada especificamente pelo espírito do ser humano. Esse último considera, também, a educação crucial, sobretudo, para desfazer supostos erros e ilusões no âmbito do conhecer. A educação, para Morin, mostra “[...] que não há conhecimento que não esteja ameaçado pelo erro e pela ilusão.” (2002, p. 19) e isso ocorre porque estamos ameaçados pelas ilusões dos sentidos e, por conseguinte, pelos erros de percepções. A educação deve, portanto, nos afastar da cegueira criada pelo nosso lado “animalesco” do sentimento, amor, paixão, raiva e amizade.

Da mesma maneira, Lipman afirma que o homem tem uma predisposição para o autoengano, em que o mantém intolerante no tocante à opinião das outras pessoas, criando um raciocínio irreduzível. Diante de tal situação é que surgem o fanatismo, a intolerância e a doutrinação, e tornamo-nos análogos à situação da roda dos bois, na qual tudo é limitado: os movimentos, a visão, as palavras; essa visão míope não nos permite saídas e tampouco possibilita olhar a mesma história sob óticas diferentes. Essas limitações (fanatismo, intolerância e doutrinação) estão presentes no mundo e aquartelam a consciência humana, além de não permitirem a existência do pensamento crítico e, por conseguinte, embaraçarem o desenvolvimento dos pensamentos complexo e pertinente.

Morin afirma ser a capacidade criativa inerente à cognição humana. Entretanto, o criar se trata de pensar o novo, o que nenhum outro ser teve a audácia de pensar. Mas conceber o impensável é algo que ainda não existe e supera os limites da razão humana, impossibilitando o alcance do conhecimento verdadeiro. Lipman, também, considera a criatividade como algo essencial. Assim, firma-se a ideia de que a complexidade do pensamento está associada à capacidade crítico-criativa; vale a ressalva, nesse sentido, que ao contrário de Morin, Lipman considera como pensamento pertinente somente aquele que é revestido de verdade.

Assim, conjuga-se o princípio do pensar bem, ou seja, o pensar complexo. Segundo os autores supracitados, ele [o pensar bem] emergiria da reunião dos pensamentos: criativo e complexo. Morin, o caracteriza pela capacidade de “[...] permitir [ao homem] apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e o meio ambiente, [...] o complexo, isto é, as condições do comportamento humano.” (2002, p. 100).

Não obstante, Battisti, apoiando-se no cartesianismo, afirma que é possível ao homem inventar mecanismos que permitam compreender a natureza, ou seja, o homem é dotado de uma capacidade intelectual que lhe permite “[...] agir sobre a natureza, para conhecê-la e para transformá-la, para o bem ou para o mal. [...]” (BATTISTI, 2005, p. 30). Diferentemente de Morin, enaltece a imaginação supervisionada pela razão, em detrimento da influência dos sentidos. Nessa concepção cartesiana, prevalece também a ideia de que o processo sensitivo humano é meramente mecanicista. Dessa maneira, o pensamento humano é caracterizado pela dissecação da realidade e pelo império do raciocínio lógico-dedutivo (método cartesiano).

Descartes considera a razão como a única coisa que nos torna humanos; e é essa mesma razão que nos guia para o alcance do verdadeiro conhecimento, aquele que não pode ser posto em dúvida. Logo, considera-se o âmago do próprio homem como o ponto direcionador para o caminho da verdade, em detrimento às opiniões alheias, aos conhecimentos preconcebidos. Devem-se desconstruir esses dois últimos, pois as percepções sobre o mundo nos levam a considerar como verdadeiro tudo aquilo que é aparentemente falso; cabe ao homem, portanto, resolver os seus próprios problemas.



Assim, o conhecimento, pelo método cartesiano, pode ser alcançado pelo pensar [a razão ou sentido humano], pois não existe nenhuma verdade que “[...] pode existir tão afastada que não possa finalmente ser alcançada, nem tão oculta que não a descubramos.” (DESCARTES, 2006. p. 43).

Esse raciocínio mecanicista é desenvolvido sobre quatro princípios: i) não aceitar qualquer coisa como verdadeira antes de reconhecê-la como tal, ou seja, evitar a precipitação de julgamentos; ii) dividir as dificuldades em parcelas para resolvê-las melhor; iii) conduzir os pensamentos de maneira ordenada, partindo do pensamento mais simples para o mais complexo; iv) fazer revisões gerais para assegurar que o conhecimento indubitável tenha sido alcançado. O método de apropriação e interpretação da realidade que surge a partir desses preceitos se baseia na crença da não existência de limitações à capacidade reflexiva humana.

Esses princípios, que culminam na fragmentação do pensamento para o alcance do conhecimento, são alicerçados na proposição da dúvida como eixo central do método cartesiano. Mas, essa dúvida, esclarece Descartes, em nada se associa ao comportamento dos céticos, “[...] que duvidam apenas por duvidar e se mostram irresolutos, porque, ao contrário, toda minha intenção se destinava a me proporcionar certeza e evitar a terra movediça e a areia, para encontrar a rocha e a argila.” (DESCARTES, 2006. p. 52).

Entretanto, mesmo desenvolvendo a dúvida como eixo central, é imprescindível encontrar algo que fosse tão verdadeiro que não pudesse ser posto, sequer uma única vez, em suspeita, pois depois de desconstruir tudo o que se conhece, afastando-se das velhas crenças, falsas opiniões e impressões enganosas é preciso reconstruí-lo sobre algum alicerce. Ei-lo: o pensamento humano, como ponderou Descartes (2006. p. 56),

[...] enquanto que, se tivesse somente parado de pensar, ainda que tudo o mais que eu imaginara fosse verdade, eu não teria nenhuma razão de crer que existisse. Disso deduzi que eu era uma substância cuja essência ou natureza é somente pensar e que, para existir, não precisa de nenhum lugar nem depende de coisa alguma material.

A primeira faculdade humana é o pensar, dimensão originária e exclusiva, que define a existência do homem. Diz-se “primeira” não num sentido temporal, mas valorando a ideia do pensamento como a principal capacidade do *homo sapiens* e se dedica a tal prática em tempo integral. Portanto, os predispostos cognitivos humanos os fazem desenvolver o âmbito intelectual e inteligível a fim da promoção da sua maior ferramenta: o pensar.

O homem é um ser natural e, por isso, o conhecimento obtido por ele não pode ser segregado da influência dos sentidos como propunha Platão,

- E, sem dúvida alguma, ela [a alma] raciocina melhor precisamente quando nenhum empeco lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer – mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte, quando, rompendo tanto quanto lhe é possível qualquer união, [...]. (1975, p. 13).



Observa-se que, para Platão, os nossos sentidos nos afastam da busca pela verdade. Entretanto, o pensar humano é, essencialmente, associado às suas percepções; estamos sempre submetidos às ilusões dos sentidos e percepções porque a nossa linguagem e o conhecimento adquirido é um reflexo das nossas impressões sobre o mundo. Propor que o homem segregue pensamento e percepção é o mesmo que separar o sentido e a linguagem; o ser humano não pode usar somente a razão porque a sua natureza é de um animal racional, em que as emoções e a razão se associam. A capacidade reflexiva do homem é indissociável da influência sensitiva, de modo que o homem inevitavelmente sempre está sujeito ao erro; a própria memória, por exemplo, já é fonte de erros, pois seleciona apenas o que lhe convém guardar e lembrar. A educação do futuro emerge com o papel de prescindir a influência dos sentidos na formação da ilusão e dos erros e permitir ao homem a capacidade de compreensão do complexo.

O homem está habituado a reduzir, separar, descomplicar, isolar e não unir os conhecimentos, pois a união deles cria um quebra-cabeça incompreensível. Essa inteligência compartimentada fraciona o mundo, tornando-o unidimensional. Tal aparência de fragmentação torna-o incapaz de lidar com os problemas globais. Para o alcance do conhecimento pertinente é imprescindível integrar razão e complexidade, pois há uma relação interdependente entre o objeto e contexto do conhecimento. O *homo sapiens* vive num mundo dotado de pluralidade, e, para compreendê-lo, é essencial aprender a lidar com o multidimensional, através do aprender a pensar e do uso conhecimento, como artifício de compreensão e manipulação da realidade.

Segregar os conhecimentos sob um método como o cartesiano, por exemplo, não deve ser o caminho a ser enveredado pelo homem. Desmistificar a alegoria da complexidade deve se desenvolver, especialmente, através de uma ótica holística. Quando o homem toma consciência da relevância do multidimensional emerge a possibilidade de alcançar a plenitude da sua potencialidade reflexiva. Se o método fosse suficiente para criar boas ideias, bastaria aplicá-lo para sermos inteligentes e produziríamos diariamente milhares de *Einstein's*. Entretanto, a obsessão pelo dogmático e ortodoxo cria uma limitação ao caminho da sapiência.

Referências

BATTISTI, César Augusto. A natureza do mecanismo cartesiano. In: ENCONTRO DA REDE PARANAENSE DE PESQUISA EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA, 3, 2005, Curitiba. **Anais**. Curitiba: UFPR, 2005.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. São Paulo: Ícone, 2006.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**. 19 ed. São Paulo: Ática, 2001.

MARQUES, Oswaldo. Pensar bem: um estudo comparativo sobre o conceito de pensamento em Matthew Lipman e Edgar Morin. **Cadernos de pós-graduação – educação**, São Paulo, v. 5. n. 1, p. 145-150, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.



PLATÃO. **Fédon**: a morte como libertação do pensamento. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

